

A ICONICIDADE NO GREGO ANTIGO

ICONICITY IN ANCIENT GREEK

*Leandro Szkoda Formicki**

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar alguns princípios da iconicidade na perspectiva funcionalista da linguagem. Para tanto, mostraremos o entendimento do processo de iconicidade no uso da língua. Por fim, aplicaremos o princípio da iconicidade de distância ou coesão para explicar a construção possessiva no grego antigo, tal como: o dativo de posse. Fundamentaremos nosso estudo, nos estudiosos Frederick J. Newmeyer, John Haiman, Martin Haspelmath e William Croft, respectivamente da iconicidade.

Palavras-chave: Iconicidade. Linguagem. Grego.

Abstract: This study aims to present some principles of iconicity from the functionalist perspective of language. To this end, we will demonstrate the understanding of the process of iconicity in the use of language. Finally, we will apply the principle of iconicity of distance or cohesion to explain the possessive construction in ancient Greek, such as the dative of possession. We will base our study on the scholars Frederick J. Newmeyer, John Haiman, Martin Haspelmath and William Croft, respectively, of iconicity.

Keywords: Iconicity. Language. Greek.

Introdução

Uma língua não é homogênea em todas as épocas e em todos os grupos sociais, de modo que ocorre variações e mudanças na sua forma de expressão diacronicamente e sincronicamente. Esta linguagem que pode ser vista como um produto do meio sociocultural do falante também pode ser modificada dentro do seu contexto comunicativo. Neste caso, os aspectos gramaticais estão a serviço do ato comunicativo e por ele são moldados, a fim de que a comunicação atinja o propósito do emissor. Assim sendo, a língua vista como um conjunto de regras só ganha significação no contexto de uso.

O princípio de iconicidade nasce e se desenvolve, justamente, no contexto de uso da língua, uma vez que ela não deve ser vista como um ser autônomo que está desvinculado do âmbito sociocomunicativo. Esse princípio ocorre por meio de uma estreita relação entre a experiência do falante e a estrutura da linguagem, de modo que a segunda é um reflexo da primeira. Desse modo, a iconicidade é compreendida no meio acadêmico como um processo de experiência do falante que se reflete na linguagem,

* Mestre em Língua Grega pela (USP), Mestre em Teologia pela (PUC), Mestre em Ciências da Religião pela (UMESP), Doutor em Ciências da Religião pela (UMESP) e Doutorando em Letras pela (USP).

sendo um ponto central na sintaxe funcional. Assim sendo, quanto mais frequente é o uso de uma determinada categoria gramatical, maior a probabilidade dela se tornar icônica por meio dessa experiência do falante.

1 O PRINCÍPIO DA ICONICIDADE

De acordo com Croft (2003, p. 102), “a intuição por trás da iconicidade é que a estrutura da linguagem reflete de alguma forma a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo incluindo a perspectiva imposta do mundo pelo falante”. Segundo Neves (2018, p. 152), “a iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária, natural, entre forma e função, ou entre código e mensagem, na linguagem humana”. A reflexão sobre a arbitrariedade ou não arbitrariedade da língua tem sua origem nos filósofos gregos. Segue-se uma síntese dessa discussão:

Para Crátilo, a língua é o espelho do mundo, o que significa que existe uma relação natural e, portanto, similar ou icônica entre os elementos da língua e os seres por eles representados. Para Hermógenes, a língua é arbitrária, isto é, convencional, pois entre o nome e as ideias ou as coisas designadas não há transparência ou similaridade. Sócrates, por sua vez, tem o papel de fazer a integração entre os dois pontos de vista (MARTELOTTA, 2011, p. 71).

A partir dos filósofos gregos, a linguística é dividida em duas posições a respeito da língua e do falante. De um lado há a posição sobre a língua como um reflexo da experiência dos falantes, que neste caso, a língua e os falantes estão em estreita relação. Em outras palavras, a primeira somente existe como tal por causa da ação dos falantes no mundo. Essa posição é tipicamente assumida pela linguística funcional. Por outro lado, há a posição sobre a arbitrariedade da língua, ou seja, não há nada de natural ou similar entre a língua e as ideias ou as coisas designadas pelos falantes, de modo que as mudanças na língua ocorrem devido ao acaso. Essa posição é tipicamente pela linguística estrutural.

As duas concepções de iconicidade, a saber, a iconicidade imagética e a iconicidade diagramática foi formulada pelo filósofo Charles Sanders Peirce (NEVES, 2018). A iconicidade imagética “abriga a noção de uma semelhança sistemática entre um item e seu referente, com respeito a uma determinada característica” (NEVES, 2018, p. 154, 155). Já a iconicidade diagramática “se refere a um arranjo icônico de signos, nenhum deles se assemelhando necessariamente a seu referente, sob qualquer aspecto” (NEVES, 2018, p. 154, 155). Alguns autores, como Newmeyer e Haiman, também trabalham com duas concepções de iconicidade, mas não chamam a primeira concepção de iconicidade como imagética e não chamam a segunda concepção de iconicidade como

diagramática. Segundo Newmeyer (1992), há dois caminhos em que a estrutura linguística reflete de forma icônica a estrutura conceitual. Esses dois caminhos foram nomeados por Haiman (1980, 1985b)¹ como isomorfismo e motivação. “Bolinger² (1977: x) caracteriza sucintamente a iconicidade isomórfica: a condição natural da linguagem é preservar [sic] uma forma para um significado” (NEWMEYER, 1992, p. 760). Por outro lado, a motivação “postula que as relações entre os elementos estruturais numa descrição linguística refletem diagramaticamente relações análogas na estrutura do significado” (NEWMEYER, 1992, p. 760). Existem diversos tipos de iconicidade diagramática. Em seguida será apresentado alguns desses tipos de iconicidade.

Com base em Haiman (1983, 1985b)³, Newmeyer (1992) e Haspelmath (2008), a iconicidade pode ser expressa de várias formas, tais como:

a) Iconicidade de quantidade: “Maiores quantidades de significado são expressas por maiores quantidades de forma” (HASPELMATH, 2008, p. 2). Por exemplo: “na flexão adjetiva latina, o comparativo e o superlativo denotam graus cada vez mais elevados e são codificados por sufixos cada vez mais longos (por exemplo, *long(us)* ‘longo’, *long-ior* ‘mais longo’, *longissim(-us)* ‘longuíssimo’)” (HASPELMATH, 2008, p. 2).

b) Iconicidade de complexidade: “Significados mais complexos são expressos por formas mais complexas” (HASPELMATH, 2008, p. 2). Além disso, Newmeyer (1992, p. 763) acrescenta que “as formas e estruturas marcadas são, em geral, estruturalmente mais complexas (ou pelo menos mais longas) e semanticamente mais complexas do que as não marcadas”. Por exemplo: “a forma plural é maior que a singular, a superlativa é maior que a normal, etc.) (NEVES, 2018, p. 156). Outro exemplo: “causativos são mais complexos semanticamente do que os não causativos correspondentes, então, eles são codificados por formas mais complexas, por exemplo, turco *düs(-mek)* ‘queda’, causativo *düs-ür(-mek)* ‘fazer cair, cair’” (HASPELMATH, 2008, p. 2).

c) Iconicidade de distância ou coesão: “Os significados que estão mais próximos semanticamente são expressos por formas mais coesas” (HASPELMATH, 2008, p. 2). Por exemplo: “em sintagmas nominais possessivos com termos de partes do corpo, o

¹HAIMAN, John. 1980. The iconicity of grammar: Isomorphism and motivation. Lg. 56.515-40. 1985b. Natural syntax: Iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press.

²BOLINGER, Dwight. The form of language. London: Longmans, 1977.

³HAIMAN, John. 1980. The iconicity of grammar: Isomorphism and motivation. Lg. 56.515-40. 1985b. Natural syntax: Iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press.

possuído e o possuidor são conceitualmente inseparáveis. Isso se reflete em uma maior coesão de codificação em muitas línguas, por exemplo, maltês *id* ‘mão’, *id-i* ‘minha mão’” (HASPELMATH, 2008, p. 2). A iconicidade da distância pode ser vista nas categorias linguísticas de causalidade, coordenação, transitividade e posse (HAIMAN, 1983).

Segundo Haspelmath (2008, p. 15), “a iconicidade da coesão é discutida em detalhes por Haiman (1983)⁴ sob o rótulo de “expressão icônica da distância conceitual”. Para Haiman (1983, p. 782), “a distância entre as expressões corresponde à distância conceitual entre as ideias que elas representam”. Ao se basear na distância conceitual, Haiman propõe uma escala de distância. Segundo o autor:

Mas como a linguagem é estruturada hierarquicamente, a distância linguística entre duas expressões depende da natureza e do número de fronteiras não segmentais entre elas, mesmo quando são fisicamente contíguas. Onde X, A e Y são morfemas, a distância linguística entre X e Y diminui ao longo da seguinte escala (# é o limite da palavra, + é o limite do morfema) (HAIMAN, 1983, 781, 782).

A escala de distância proposta por Haiman é esta:

- a. X # A # Y
- b. X # Y
- c. X + Y
- d. Z

De acordo com o autor:

As estruturas b-d correspondem à distinção entre expressões analíticas, aglutinantes e sintéticas de um mesmo conceito complexo envolvendo X e Y. A distância linguística entre elas é menor quando estão fundidas em um morfema Z; maior quando são morfemas distintos, mas vinculados; e ainda maior quando são palavras separadas. A distância linguística entre eles é maior quando estão separados por uma ou mais palavras (HAIMAN, 1983, 782).

De acordo com Haspelmath (2008, p. 15), “(a)–(d) mostram uma distância linguística decrescente (nos meus termos, uma coesão crescente). O autor compreende a escala de distância de Haiman desta forma:

- a. X palavra Y (expressão de palavra-função)
- b. X Y (justaposição)
- c. X-Y (expressão vinculada)
- d. Z (expressão valise)

⁴HAIMAN, John. Iconic and Economic Motivation. *Language*, Vol. 59, No. 4 (Dec., 1983), pp. 781-819.

Segundo Haspelmath (2008, p. 15), “prefiro o termo coesão ao invés de distância para esta escala, porque (b) e (c) não diferem literalmente em distância, e a distância não é realmente aplicável a (d)”. De qualquer forma, a iconicidade de distância estabelece que há uma relação entre a distância conceitual e a distância das expressões linguísticas. Se a distância conceitual for grande, a distância linguística entre as expressões será maior, mas se a distância conceitual for pequena, a distância linguística entre as expressões será menor. De acordo com Newmeyer (p. 761), “é importante enfatizar que o princípio da Iconicidade da distância implica que a distância conceitual corresponde à distância linguística (isto é, estrutural), e não apenas à distância física”. Ao falar sobre a distância conceitual, Haiman acrescenta alguns pontos importantes para o esclarecimento dela. O autor, então, afirma que:

Primeiro, dois conceitos são conceitualmente próximos na medida em que compartilham propriedades semânticas (por exemplo, dois verbos estão mais próximos se compartilham um tempo, modo, sujeito, objeto ou tópico comum); segundo, dois conceitos estão próximos na medida em que se pensa que um afeta o outro (por exemplo, a proximidade conceitual entre um verbo e seu objeto varia com a transitividade do verbo); finalmente, dois conceitos são próximos na medida em que são percebidos como inseparáveis (por exemplo, há uma ligação conceitual mais estreita entre um possuidor e um objeto possuído inalienavelmente do que entre um possuidor e um objeto possuído alienavelmente) (HAIMAN, 1983, 783).

Em suma, a iconicidade da distância ou de coesão pode ser compreendida na relação morfossintática entre as expressões linguísticas, ou seja, quanto maior a distância linguística entre as expressões, menor a conexão morfossintática entre elas e quanto menor a distância linguística entre as expressões, maior a conexão morfossintática entre elas.

d) Iconicidade de independência: “a separação linguística de uma expressão corresponde à independência conceitual do objeto ou evento que ela representa” (HAIMAN, 1983, 783). Por exemplo:

Quando os substantivos são incorporados morfologicamente como subpartes de palavras maiores, eles tendem a ter menos independência conceitual, conforme medido por sua capacidade de ter referência independente ou de serem focalizados ou enfatizados, do que os substantivos não incorporados (NEWMEYER, 1992, p. 762, 763).

e) Iconicidade de ordem: “não é incomum que a ordem dos morfemas ou palavras reflita as relações lógicas entre seus referentes. Isso é particularmente verdadeiro para fenômenos de escopo em vários idiomas” (NEWMEYER, 1992, p. 763). Segundo Neves (2018, p. 156), a iconicidade de ordenação ou de ordem é “regida pelo princípio segundo o qual o grau de importância atribuído aos conteúdos de um texto pelo falante,

numa determinada situação de interação, determina a ordenação das formas, seja no nível oracional, seja no nível de organização do texto”. Por exemplo: “em orações condicionais, a oração condicional precede a conclusão como a ordem normal em todas as línguas” (NEWMAYER, 1992, p. 763).

f) Iconicidade de categorização: “os sujeitos gramaticais tendem a se correlacionar com agentes e os objetos gramaticais com pacientes. Em geral, as diferenças de caso se correlacionam com as diferenças semânticas” (NEWMAYER, 1992, p. 763, 764). Por exemplo: “em frases em espanhol com pares mínimos acusativo-dativo, o caso acusativo tende a sugerir uma ligação mais direta entre o verbo e o objeto do que o dativo” (NEWMAYER, 1992, p. 764). Em relação ao que foi exposto acima, Newmeyer (1992, p. 764) traz um exemplo de Haiman (1983): “*Contestar la pregunta* 'responder a pergunta' significa ter sucesso em responder à pergunta. A contraparte intransitiva *contestar a la pregunta* significa contribuir com uma resposta à pergunta (mas não uma resposta satisfatória)”.

Com base no exposto, podemos analisar os princípios da iconicidade na língua grega. Em outras palavras, buscaremos verificar como a iconicidade de distância ou coesão ocorre na construção possessiva no grego antigo, mais especificamente, no dativo de posse.

3 A ICONICIDADE NO GREGO ANTIGO

Segundo Wallace (2009, p. 14), “a língua-mãe de todas as línguas do mundo aparentemente deu origem a dez outras línguas (cada uma delas não constituía grandes famílias linguísticas isoladas, mas sim línguas aparentadas)”. O protoindo-europeu foi uma dessas filhas que deu origem à língua grega (ἑλληνική “grego”; ἑλλάς γλῶττα “língua grega”).

A língua grega passou por diversos períodos de formação e desenvolvimento. Em seguida apresentares um resumo destes períodos.

1) Pré-Homérico (das origens até 1000 a.C):

Bem no início do 3º milênio a.C., houve invasões de povos de origem indoeuropéia na Grécia. Os acidentes geográficos da península Ática e adjacências isolando essas levas migratórias favoreceram, conseqüentemente, o desenvolvimento de vários dialetos. A medida que se estabeleciam, esses grupos desligavam-se uns dos outros, desenvolvendo um dialeto diferente da língua de seu grupo original. Infelizmente, por causa da falta de literatura remanescente, sabemos muito pouco desse período da língua grega. (WALLACE, 2009, p. 14).

2) Período formativo (c. 1500-900 a.C.): “Época de Homero, o qual compôs a *Ilíada* e a *Odisséia*. Neste período surgiram dialetos gregos como o micênico, o ático, o dórico, o eólico e o jônico” (FRANCISCO, 2010, p. 1).

3) Período clássico (c. 900-330 a.C.): “O dialeto ático destacou-se entre os demais, tornando-se a forma padrão e clássica da língua grega” (FRANCISCO, 2010, p. 1).

4) Período coine ou helenístico⁵ (c. 330 a.C.-330 d.C.):

Após as conquistas de Alexandre Magno (336-323 a.C.), o grego transformou-se em língua universal e do comércio ao longo do mar Mediterrâneo e do Oriente Médio. A forma linguística que surgiu nesta época é conhecida como coine, sendo utilizada no período de dominação grega e romana. Tanto o Novo Testamento como a Septuaginta foram compostos neste dialeto grego (FRANCISCO, 2010, p. 1).

5) Período bizantino (c. 330-1453): “A língua grega dessa época é conhecida como bizantina, por causa do nome dado à porção oriental do império (Império Bizantino), cuja capital era Constantinopla (atual Istambul), fundada em 330 d.C.” (FRANCISCO, 2010, p. 1).

6) Período moderno (c. séc. XI em diante): “A partir dessa época, surgiu o grego moderno, conhecido como demótico, o qual possui semelhanças como o dialeto coine” (FRANCISCO, 2010, p. 1).

A língua grega não era homogênea, pois possuía diversos dialetos com características próprias. Tanto a parte ocidental como a parte oriental apresentavam dialetos diferentes, tais como:

1.1. Grego Ocidental

- (a) Lacônio
- (b) Cretense
- (c) Eleata
- (d) Fócio

1.2. Eólico

- (a) Beócio
- (b) Tessálio
- (c) Lésbio

1.3. Grego oriental

- (a) Arcado-Cipriota

⁵Acréscimo nosso.

(b) Iônico

(c) Ático (Koiné)

Neste estudo trabalharemos com o dialeto ático e com o dialeto koiné que é o grego ático, mas com algumas diferenças.

O dialeto ático (ἀττική) se originou do dialeto jônico, de modo que foi utilizado como língua oficial no reino de Alexandre Magno. A literatura clássica durou até o século IV a.C. Esse dialeto teve como representantes grandes filósofos, tragediógrafos, comediógrafos e historiadores. Dentre eles estão Platão, Aristóteles, Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, etc. (FRANCISCO, 2010). Por outro lado, o dialeto Koiné (κοινή: comum) ou grego helenístico tem como marca a linguagem menos formal falada pelo povo. Ele “era falado desde o alto Egito até a Mesopotâmia e ao longo do mar Mediterrâneo. Suas raízes são calcadas em vários dialetos gregos, mas, principalmente, no dialeto ático” (FRANCISCO, 2010, p. 3).

Segue-se alguns exemplos das diferenças entre o dialeto ático e o dialeto Koiné. A primeira delas são os estrangeirismos (a palavra macedônia *krábbatos* que significa um tipo de leito para repouso, cama para pessoas pobres. Ela aparece no evangelho de Marcos 2:1-12). A segunda delas é o artigo indeterminado que é algumas vezes expresso por εἷς ou τις: εἷς γραμματεὺς [um escriba] (Mt. 8,19); νομικός τις [um doutor na Lei] (Lc. 10,25). A terceira delas são os Temas da 3a. Declinação que oferecem as seguintes particularidades: Nominativo.: ἡ ὄδιον (dor, ao invés de ἡ ὀδός) (1 Tes. 5 .3). Vocativo.: θυγάτηρ ao invés de θύγατερ [filha] (Mc. 5, 34) . πατήρ ao invés de πάτερ [pai] (Jo. 17, 24 e 25). Dativo.: γήρει (Lc. 1,36) , ao invés de γήρᾳ, de γῆρας velhice. A quarta delas é a mudança morfológica no adjetivo, tal como: 1. χρυσᾶν, em vez de χρυσῆν [dourada] (Ap. 1,13). 2. βαθέως [profundo – bem cedo] (Lc. 24,1) , em vez de βαθέος, de βαθύς, πραέως [manso] (1 Ped. 3. 4) , em vez de πραέος, de πραύς. Além disso, outras mudanças morfológicas também ocorrem em outras classes gramaticais, tais como: pronomes, artigos, verbos, conjunções, etc. Por fim, no nível sintático, o dialeto Koiné apresenta orações mais curtas e simples em comparação com o dialeto ático. Por exemplo: a enorme utilização de orações coordenadas e não subordinadas no evangelho de Marcos.

Analisaremos a construção possessiva nos dialetos ático e Koiné através do princípio de iconicidade da distância ou coesão. Para tanto, em primeiro lugar, precisamos compreender como acontece essa construção possessiva no grego antigo.

A principal construção de posse no grego antigo que apresentaremos é o dativo de posse. No grego antigo, “a pessoa para quem uma coisa existe é colocada no dativo com os verbos εἶναι, γίνεσθαι, ὑπάρχειν, φῶναι, etc. Quando ele é considerado interessado em sua posse” (SMYTH, 1956, p. 341). Da mesma forma, Goodwin (1900, p. 248) afirma que o dativo com εἰμί, γίγνομαι, e verbos similares pode denotar o possuidor”. Ademais, o “dativo de posse é usado para complementar os verbos existenciais εἰμί e γίγνομαι, denotando posse, pertencimento ou interesse” (BOAS; RIJKSBARON; HUITINK; BAKKER, 2019, p. 377). Em outras palavras, “o dativo de posse é aquele a que o sujeito do verbo de ligação pertence” (WALLACE, 2009, p. 149). Os verbos de ligação normalmente utilizados com o dativo de posse são os verbos εἶναι, γίνεσθαι, ὑπάρχειν, φῶναι que já foram mencionados. Em suma, o dativo de posse possui o sujeito desses verbos de ligação (WALLACE, 2009). Algumas vezes se torna difícil identificar o dativo de posse, no entanto, se no lugar da preposição “para” utilizarmos a expressão “possuído por” ou “pertence a”, fica mais fácil a identificação do dativo de posse (WALLACE, 2009).

Em seguida apresentaremos alguns exemplos do dativo de posse nos dialetos ático e Koíné. Os primeiros exemplos são extraídos da República de Platão, do livro sete de Heródoto e do Críton de Platão. Já os exemplos finais são extraídos dos evangelhos de Mateus e Lucas.

1) O dativo de posse na República de Platão:

τοῖς πλουσίοις πολλὰ παραμύθια φασιν εἶναι (Platão. República. 329e).

Tradução: Pois dizem que há muitas satisfações para as pessoas ricas ou pois dizem que as pessoas ricas possuem muitas satisfações ou pois dizem que muitas satisfações pertencem às pessoas ricas.

Análise morfosintática da oração:

παραμύθια: substantivo neutro nominativo plural (sujeito).

εἶναι presente infinitivo ativo de εἰμί (ser, estar, existir) (verbo de ligação).

πλούσιος (rico, opulento): masculino/neutro dativo plural (dativo de posse).

Segundo a iconicidade de distância ou coesão, o possuído e o possuidor são inseparáveis. Neste caso, percebe-se que na estrutura de posse do grego ático, mais especificamente, no dativo de posse, há uma relação inseparável entre o possuído que é o sujeito da oração no caso nominativo e o possuidor que é o sintagma nominal no caso dativo. Os dois conceitos, a saber, o sujeito e o dativo de posse são conceitualmente próximos, pois são inseparáveis. Em outras palavras, o substantivo παραμύθια

(satisfações) está estritamente ligado ao seu possuidor que está na forma dativa, ou seja, τοῖς πλουσίοις (os ricos). Portanto, quando o dativo de posse possui o sujeito do verbo de ligação, ocorre uma ligação estreita entre ambos, de modo que essa ligação é inalienável.

2) O dativo de posse no livro sete de Heródoto:

ειρομένου Ξέρξεω εἰ **ἔστι** ἄλλη ἔξοδος ἐς θάλασσαν **τῷ Πηνειῷ**, (Heródoto. 7.130.1).

Tradução: Quando Xerxes perguntou se existe outra saída do rio Peneu para o mar ou quando Xerxes perguntou se o rio Peneu possui outra saída para o mar ou quando Xerxes perguntou se pertence ao rio Peneu outra saída para o mar.

Análise morfosintática da oração:

ἔξοδος: substantivo feminino nominativo singular (sujeito).

ἔστι presente indicativo ativo 3ª pessoa do singular de εἰμί (ser, estar, existir) (verbo de ligação).

Πηνειός: masculino dativo singular (dativo de posse).

No livro sétimo de Heródoto aparece a construção do dativo de posse. Em uma relação estreita e inalienável, o sujeito do verbo de ligação ἔξοδος (saída) é possuído pelo possuidor no caso dativo Πηνειός (rio Peneu). Os dois sintagmas (sujeito e dativo) são próximos à medida que são inseparáveis. O possuído só existe à medida que existir o possuidor e o possuidor só existe à medida que existir o possuído. Essa conexão acontece no grego antigo através da estrutura sujeito – verbo de ligação – dativo de posse. Portanto, quando está escrito que “o rio Peneu possui outra saída”, é apresentado que tanto o sintagma nominal sujeito como o sintagma nominal no dativo são conceitualmente próximos, pois são inseparáveis.

3) O dativo de posse no Crítion de Platão:

εἰσὶν ἐμοὶ ἐκεῖ ξένοι (Platão. Crítion. 45.c.1).

Tradução: Existem para mim amigos naquele lugar ou eu possuo amigos naquele lugar ou pertencem a mim amigos naquele lugar.

Análise morfosintática da oração:

ξένοι substantivo masculino nominativo plural (sujeito).

εἰσιν presente indicativo ativo 3ª pessoa do plural de εἰμί (ser, estar, existir) (verbo de ligação).

ἐμοὶ pronome pessoal masculino dativo 1^a pessoa do singular de ἐγώ (dativo de posse).

O dativo de posse é expresso desta forma no Crítton: o sintagma nominal no dativo ἐμοὶ (para mim) possui o sujeito do verbo de ligação ζένοσ (amigos). Neste caso, os dois sintagmas são inseparáveis, pois o possuidor possui o possuído, ou seja, o sintagma nominal no dativo possui o sintagma nominal sujeito, o qual é o possuído. Nessa relação de posse, a distância conceitual entre os sintagmas é menor do que a distância conceitual entre sintagmas conceitualmente alienáveis, uma vez que a construção do dativo de posse é inalienável.

4) O dativo de posse no Evangelho de Mateus:

Τί ὑμῖν δοκεῖ; ἐὰν γένηται τι ἀνθρώπῳ ἑκατὸν πρόβατα (Mat. 18:12)

Tradução: O que vocês pensam? Se cem ovelhas pertencem a um certo homem ou o que vocês pensam? Se um certo homem possui cem ovelhas ou o que vocês pensam? Se há cem ovelhas a um certo homem.

Análise morfosintática da oração:

πρόβατα substantivo nominativo neutro plural de πρόβατον (sujeito)

ἀνθρώπῳ substantivo dativo masculino singular de ἄνθρωπος (dativo de posse).

γένηται verbo subjuntivo aoristo médio 3^a pessoa singular de γίνομαι (verbo de ligação).

τινι adjetivo indefinido dativo masculino singular de τις (dativo de posse).

Segundo a iconicidade de distância ou coesão, o possuído e o possuidor são inseparáveis. No dialeto Koiné também se percebe a estrutura de posse ou dativo de posse. O sintagma nominal πρόβατα (ovelhas) está estritamente conectado ao sintagma nominal no dativo ἀνθρώπῳ (homem), indicando que os dois sintagmas possuem uma ligação conceitual próxima de possuidor e possuído. Desse modo, esses sintagmas nominais possessivos são conceitualmente inseparáveis. Portanto, quando é afirmado que “um certo homem possui cem ovelhas”, na verdade, não há nada que possa separar o possuidor do possuído, demonstrando que esses dois conceitos são inseparáveis.

5) O dativo de posse no Evangelho de Lucas:

καὶ ἔσται χαρὰ σοὶ καὶ ἀγαλλίασις (Lk. 1:14)

Tradução: e haverá prazer e exultação para ti ou e prazer e exultação pertencerão a ti ou você possuirá prazer e exultação.

Análise morfosintática da oração:

χαρά substantivo nominativo feminino singular de χαρά (sujeito).

ἀγαλλίασις substantivo nominativo feminino singular de ἀγαλλίασις (sujeito).

ἔσται verbo indicativo futuro médio 3ª pessoa singular de εἶμι (verbo de ligação).

σοι pronome pessoal dativo singular de σύ (dativo de posse).

No evangelho de Lucas, os sintagmas nominais sujeitos χαρά (prazer) e ἀγαλλίασις (exultação) estão estritamente conectados com o sintagma nominal no dativo σοι (para ti), por meio da relação de posse, de modo que o possuído (sujeito do verbo de ligação) pertence ao possuidor (sintagma nominal no dativo). Desse modo, há uma relação conceitual mais estreita entre o possuidor (para ti) e o objeto possuído (prazer e exultação), pois essa relação é inalienável, ou seja, não há como separá-la.

Considerações finais

Infere-se, portanto, a compreensão de que a iconicidade é um processo que ocorre em todas as línguas. Esse processo se torna um objeto de estudo científico, ganhando dessa forma, a descrição de princípios que o torna identificável em sua ocorrência no nível morfosintático. A partir de seus princípios fundamentais é possível reconhecer a ocorrência da iconicidade de distância ou de coesão na construção possessiva do grego antigo, ou seja, no dativo de posse. Esse processo envolve uma proximidade entre dois conceitos à medida que são inseparáveis, neste caso, há uma ligação conceitual mais estreita entre um possuidor, o qual é desempenhado pelo sintagma nominal no dativo e um objeto possuído, o qual é desempenhado pelo sujeito do verbo de ligação.

Referências

BOAS, Evert V. E; RIJKSBARON, Albert; HUITINK, Luuk; BAKKER, Mathieu DE. *The Cambridge Grammar of Classical Greek*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

CROFT, William. *Typology and Universals*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. On iconicity of distance. *Cognitive Linguistics* 19–1 (2008), 49–57.

DICKEY, Eleanor. *An Introduction to the Composition and Analysis of Greek Prose*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Língua Grega: Aspectos Históricos e Características*. São Bernardo do Campo, fevereiro de 2010.

GOODWIN, William W. *Greek Grammar*. Boston: Ginn & Company, 1900.

HAIMAN, John. Iconic and Economic Motivation. *Language*, Vol. 59, No. 4 (Dec., 1983), pp. 781-819.

_____. In defence of iconicity. *Cognitive Linguistics* 19–1 (2008), 35–48.

HASPELMATH, Martin. Frequency vs. iconicity in explaining grammatical asymmetries *Cognitive Linguistics* 19–1 (2008), 1–33.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28 ed. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

NEWMAYER, Frederick. Iconicity and generative grammar. *Language*, Vol. 68, No. 4 (Dec., 1992), pp. 756-796.

RAHLFS, Alfred; RANHART, Robert. *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

SMYTH, Herbert Weir. *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

Recebido em: 08/02/2025
Aprovado em: 14/06/2025